

Festas de São João: Das Origens à Atualidade

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.73.6>

Bruna Franco Castelo Branco Carvalho

Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Instituto de Cultura e Arte,
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-3688-2653>
brunafanco19@gmail.com

Claudiene dos Santos Costa

Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Instituto de Cultura e Arte,
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-0735-6283>
claudiene costa@gmail.com

Resumo

O texto apresentado pretende refletir sobre as festividades de São João, também denominadas de festas juninas no Brasil, ou festas sanjoaninas, em Portugal, pela sua importância enquanto manifestação popular de teor social, religioso, simbólico e cultural. Será dado destaque à festa do continente europeu e à sua influência na festividade brasileira. O objetivo é dar a conhecer, a partir de uma metodologia de análise teórica e conceitual, o percurso de referida festividade, desde sua origem até a sua configuração atual, através da análise de autores como Amaral (1998), Carvalho (2019), Castro (2012), Jiaqi (2021), Ribeiro et al. (2019) e Priore (1994). Os referidos autores nos conduzem a perceber o grau de alterações, aperfeiçoamento e modificações que as festas de São João passaram em razão de influências diversas em sua cadeia celebrativa, ao longo da sua linha temporal-espacial, e que ainda continua a ser moldada pelos desafios impostos ao mundo contemporâneo. Isso torna singular em termos de motivações ritualísticas e celebrativas, embora não escape das tendências e padrões festivos de um mundo moderno muito menos agrário e rural que o do seu início.

Palavras-Chave

São João, festa, origens, atualidade

A era pré-cristã já inaugura a seu modo o que corresponde ao que conhecemos hoje por “festas de São João” no calendário comemorativo. As suas origens remontam às antigas tradições pagãs dos povos egípcios relacionadas com simbologias sociais daquela sociedade marcada pela forte ligação com os elementos da natureza e que, na intenção de comemorar o período do tempo marcado pelas colheitas, costumavam tradicionalmente cultuar o sol, a fertilidade e o fogo.

A posterior incorporação desses rituais por parte do povo romano difundiu-se pelo continente europeu entre os diversos grupos humanos, permaneceu entre eles como hábito ritualístico, clamando a fertilidade humana e também bons resultados no que tange aos interesses dos fenômenos naturais necessários para se obter uma colheita proveitosa e com fartura, com vistas à manutenção dos seus núcleos familiares.

Além disso, é importante que se saiba que, dentro desse recorte territorial do hemisfério norte, onde os diversos povos (celtas, persas, egípcios, bascos, sírios, sardenhos, sumérios, etc.) encontravam-se dispersos, costuma haver uma demarcação profunda das quatro estações do ano diferentemente do que ocorre no hemisfério sul. Como afirma Silva (2017), “no Hemisfério Norte as estações são bem definidas e no Sul existe uma alternância entre períodos de chuvas e longas estiagens” (p. 27).

É nessa parte, correspondente ao hemisfério norte, que acontece um fenômeno durante o mês de junho, conhecido por “solstício de verão”, em que, marcadamente entre os dias 21 e 23, por volta do meio-dia, o sol alcança sua maior altura no céu; tornando-se, conseqüentemente, o dia mais longo de todo o ano e também a noite mais curta: “é o solstício, um momento do ano carregado de simbologia, no que o cristianismo põe, precisamente a São João Batista, por ser o precursor da chegada do Messias, o que anuncia a sua vinda” (Viscaya & Vidal, 2009, p. 132). É nesse dia, que os povos antigos se organizavam para preparar seus rituais de fertilidade humana, acompanhados dos pedidos para lograrem êxito no campo das lavouras em razão do modo de vida agrícola que levavam, clamando por boas plantações, chuvas e colheitas.

Na verdade, os rituais de fertilidade associados ao cultivo das plantas, incluindo todo o ciclo agrícola – a preparação do terreno, o plantio e a colheita –, sempre foram praticados pelas mais diversas sociedades e culturas em todos os tempos. Das tradições estudadas por Frazer destacam-se os ritos celebrados nas terras do Mediterrâneo oriental (Egito, Síria, Grécia, Babilônia) com o objetivo de regular as estações do ano, especialmente a passagem da primavera para o verão, que sela a superação do inverno. (Rangel, 2008, p. 16)

Em contrapartida, por essa altura do mês de junho, ocorre o fenômeno inverso no hemisfério sul, conhecido como “solstício de inverno”, simplesmente marcando o fim

do período da quadra chuvosa. Por essa altura, prepara-se a comunidade para o período de estiagem vindouro, marcado pelas expectativas de obter uma boa colheita daquilo que se plantou anteriormente durante o período invernos.

Podemos dizer que a partir da observação desses fenômenos meteorológicos, climáticos e suas implicações nas crenças e costumes culturais dos povos, nascem as motivações para as celebrações festivas de São João ou festas juninas (levam esse nome por serem realizadas durante o mês de junho); mas não há um consenso entre os autores sobre suas origens, de modo que na visão da antropóloga brasileira Rita Amaral (1998):

acredita-se que estas festas têm origens no século XII, na região da França, com a celebração dos solstícios de verão (dia mais longo do ano, 22 ou 23 de junho), vésperas do início das colheitas. No hemisfério sul, na mesma época, acontece o solstício de inverno (noite mais longa do ano). Como aconteceu com outras festas de origem pagã, estas também foram adquirindo um sentido religioso introduzido pelo cristianismo, e trazido pela igreja católica ao Novo Mundo. A comemoração das festas juninas é certamente herança portuguesa no Brasil, acrescida ainda dos costumes franceses que a elas se mesclaram na Europa. (p. 66)

O binômio indivíduo-natureza pode ser considerado como uma das mais primitivas, mas também das mais autênticas, formas de interação. Neste contato, há muita sabedoria, aprendizagem e descobertas que proporcionam experimentos e observações que moldam o comportamento dos indivíduos e seus modos de ser e viver. De acordo com Rangel (2008), das necessidades se extraem aprendizados, que podem ser percebidos em variadas situações, inclusive nas relacionadas ao cultivo e colheita:

o ciclo anual da natureza prevê a morte e o ressurgimento da vegetação. Todos os anos as plantas passam por um processo de transformação: no outono, as folhas mudam de cor, tornando-se amareladas e murchas; no inverno, elas caem e deixam a planta sem folhas até que chega a primavera. O sol então começa a brilhar com mais intensidade e a vegetação renasce, brota e floresce para oferecer as sementes do novo ciclo, cujos frutos estarão maduros no verão. (p. 16)

Para além dessa forte ligação com a natureza, os grupos humanos aprendem a lidar com a administração e controle do tempo, do clima, do espaço, das estações e da passagem de momentos; o que desperta o olhar para uma outra funcionalidade importante das festas: histórica.

Pelo lado do tempo circular, as festas são os pontos axiais que marcam o tempo que se repete: as estações do ano, o ciclo da natureza e da agricultura, as feiras, os dias de devoção ao sagrado, os aniversários. Se as festividades são inerentemente cíclicas, elas existem também no tempo linear e têm profundidade histórica. (Ribeiro et al., 2019, p. 8)

Quando, na contemporaneidade, a tradição é invocada, está-se já perante a sua ressignificação, isto é, a tradição converte-se em discurso legitimador

sobre uma miríade de manifestações culturais de matriz popular que, por não se enquadrar nos cânones da racionalidade moderna, são justificadas reflexivamente. Tendo mudado o sistema tecnológico, económico, social e axiológico, a *praxis* tradicional já só tem lugar como contraponto simbólico da modernidade, como vestígio de uma “autenticidade” em vias de extinção ou de contaminação. (Ribeiro et al., 2019, p. 8)

Jiaqi (2021), por sua vez, vai mais além ao explorar mais aprofundamente a questão da tradição nas festas e, na sua visão:

a festa tradicional apresenta uma cultura criada, desenvolvida e transmitida pelo povo durante o desenvolvimento histórico de um país ou uma região. Comparativamente às restantes, a festa tradicional caracteriza-se por ser uma herança do passado. Para além disso, possui objetos de sacrifício ou de comemoração, lendas ou mitos relacionados, figuras históricas, tabus, etc. Finalmente, ela é o resultado da conceção de longo prazo do espírito nacional, num contexto social específico, e a exibição mais proeminente da existência de um povo. (p. 10)

Entretanto, existe aí algo que está presente em qualquer tipo de manifestação humana: o carácter absolutamente impermanente, variável e insolúvel do fluxo da vida em sociedade e das formas de interação entre os humanos.

De facto, até mesmo as festas populares que a tradição transporta de geração em geração, com frequência coladas à crença de que “sempre foram assim” e que assim têm de continuar a ser, até essas, se não mesmo sobretudo essas, se transformam, não apenas nas suas práticas e materialidades como também nos seus sentidos, graus e formas de adesão e entusiasmo. Difícil aceitar que seja de outro modo, se mudam as pessoas e as comunidades que em cada tempo e lugar as fazem suas e as alimentam e recriam. (Ribeiro et al., 2019, pp. 9–10)

Isso quer dizer que, embora se tenha registros das raízes do São João enquanto festa, ao longo do tempo perderam-se alguns elementos de suas celebrações e outros foram incorporados, o que veio a diferenciar as festividades consoante o local ou região em que se realizam.

O festejo de São João constitui para a Igreja Católica a antecipação da chegada de Cristo. Em paralelo ocorre o novo ciclo de colheitas advindo com o solstício de verão e também atribuído ao anúncio do advento revelado por João Batista. A introdução desses festejos no calendário católico fez com que os mesmos se tornassem popular na Europa. Em alguns países europeus, os hábitos de culto foram incorporados e adaptados à cultura local. (Silva, 2017, p. 28)

Um dos principais traços de mudança de carácter universal experimentado pelas festas de São João foram as investidas da igreja católica em dessacralizar os rituais e cultos dedicados à natureza, com forte enraizamento nas culturas populares da época. Diante da dificuldade de torná-las proibidas, a alternativa, então, foi incorporar

elementos católicos nas festividades realizadas no mês de junho em todos os lugares por onde a igreja católica exercia poder.

Se por um lado, observa-se as instituições tentando dar uma única função à festa, por outro vamos perceber o povo dela se apropriando de maneira peculiar. A festa, seus espaços e suas atividades vão ter outra interpretação aos olhos da multidão, a cada momento possibilitando uma inversão na sua utilização. Pondo a festa de cabeça para baixo, o povo fazia da reunião e do encontro o momento de protesto e caricatura das instituições modernas que tentavam adestrá-lo. (Priore, 1994, p. 105)

Dessa forma, ao que já era tradição comemorativa pagã, acrescentou-se a celebração do nascimento de São João Batista no dia 24 de junho. Juntou-se ainda Santo Antônio, no dia 13 de junho e São Pedro, no dia 29 de junho. Posteriormente foram adicionadas devoções direcionadas a cada um e para súplicas diferentes. Desde então, as festas juninas deixaram de ser apenas lúdicas e pagãs e passaram a ser religiosas, diante do domínio católico e da prevalência crescente do número de fiéis crentes nos preceitos do cristianismo no mundo ocidental, que penetraram profundamente nas características culturais de um povo. Isso nos induz a assimilar que a:

religião é essencialmente a expressão simbólica, mítica e alegórica da cultura espiritual das diferentes nações e não pode ser separada do conteúdo da cultura. Desenvolve-se com a sociedade e a história, isto é, o seu sistema ideológico entrelaça-se com várias ideias da sociedade e torna-se uma parte importante da cultura social. (Jiaqi, 2021, p. 7)

A data de 24 de junho, e sua véspera, permanecem como um tempo festivo em função do solstício de verão e dos demais eventos naturais, agrícolas e climáticos realizados anteriormente de forma tradicional, porém, agora, oscilando entre os modelos festivos populares e os profanos, como Castro (2012) aponta em seus estudos sobre o fenômeno junino: “no passado o papel das festas populares sagradas era o de renovar os vínculos entre o crente e a divindade, enquanto aquelas consideradas profanas tinham o papel de divertir, entreter, ou, em alguns casos, transgredir a ordem social estabelecida” (Castro, 2012, p. 21).

Nesse período, internaliza-se que é tempo de agradecer e pedir bençãos; só que não mais à natureza, mas a Deus e aos santos desse mês: Santo Antônio, São João e São Pedro.

Mesmo assim, percebe-se dentro do horizonte junino que os elementos naturais (sol, fogo, lua), os interesses, os desejos e necessidades, as tradições (acender fogueiras, por exemplo) ainda permanecem, de acordo com Lucena Filho (2012):

em quase toda Europa ocorre as festividades com perfil popular e com suas significações vinculadas às virtudes das ervas, do fogo e das águas. Nessa noite do festejo junino, as fogueiras e banhos rituais, as práticas adivinhatórias e propiciatórias ligadas, sobretudo, ao casamento, à saúde e à felicidade, são vivenciadas. (p. 38)

Porém, estes movimentos apresentam agora novos contornos, que passam por um novo formato e uma nova configuração festiva. Além disso, a simbologia religiosa ganha ainda mais terreno ao arrematar datas importantes do evangelho, tendo em vista que o dia 24 de junho marca exatamente os 6 meses que antecedem a festa religiosa das mais importantes para a igreja católica, quando, segundo a Bíblia, a Virgem Maria deu à luz no dia 24 de dezembro o menino Jesus. Por isso, junto ao Natal, as festas de São João e Semana Santa compõem o trio do calendário comemorativo religioso mais significativo para a igreja católica apostólica romana e seus seguidores, representando os momentos mais importantes da trajetória de Jesus na terra: o seu nascimento (Natal), seu batizado (São João), e sua morte e ressurreição (Semana Santa).

Cada um desses momentos são celebrados em períodos distintos ao longo do ano e possuem suas formas próprias de celebração. Alguns são mais intimistas e familiares como o período natalino, outros mais reflexivos e orantes como a Semana Santa ou período pascal, e outros mais festivos, como o São João. Ou seja, foi-se estabelecendo culturalmente um modelo convencional e clássico de cerimonial para cada etapa do calendário festivo dentro da perspectiva religiosa, dando a perceber a variedade de manifestações públicas que se pode ter dentro do leque religioso-cultural, que estão sobremaneira vinculados, conforme seguiremos observando mais adiante.

As manifestações religiosas incluem o ritual, o sermão, a comemoração, o culto, o sacrifício, o festival, a festa, o serviço fúnebre, o matrimônio, a oração, a música, a arte, a dança, o serviço público e outras formas de expressão cultural. Todas as religiões têm diferentes manifestações, refletem diferentes contextos culturais e tradições. (Jiaqi, 2021, p. 7)

Ainda hoje é bastante comum identificar a realização de festas juninas dentro dos pátios de paróquias, com bastante movimento e envolvimento de vizinhos e pessoas próximas da comunidade na organização de atividades relacionadas ao evento. Outro fator ainda mais comum de perceber é que em praticamente todas as festas juninas realizadas até hoje não haverá de faltar a presença da instituição da igreja – seja ela real ou cenográfica – marcando aí o caráter religioso e sagrado da festa a partir da influência cristã nas manifestações populares juninas.

De fato, este é um movimento que acontece em boa parte dos lugares onde o catolicismo predomina e foi extremamente importante no processo de formação festiva desse território. Quer dizer, são regiões que receberam as influências externas e que também as transportaram para onde possuíam certo domínio político-cultural. Esse domínio, conforme visto, se deu de forma mais incisiva nos séculos XV e XVI quando das grandes navegações, em que Portugal se lançara e a que se seguiram Espanha e outras nações, conduzindo ao processo de colonização de outros povos.

Essas influências festivas chegaram ao Brasil colonial a partir do ano de 1500 pelos conquistadores a bordo das caravelas portuguesas. Só que obviamente o Brasil não experimentou essas transformações culturais-religiosas vivenciadas anteriormente pelos povos europeus por razões lógicas e, portanto, já conhece a festa de São João nos moldes da influência religiosa implementada pelo catolicismo.

A verdade é que a Igreja conseguiu obter êxito no que se refere a, pelo menos, reduzir em algum grau a manifestação pagã, principalmente com relação ao fato de ter incluído dois santos a mais, distribuídos ao longo do mês, porque assim, alarga-se e expande-se mais a memória da comemoração religiosa. É certo que atualmente se celebram com maior fervor os dias santos e suas vésperas, mas também se permite viver a intensidade de um mês inteiro dedicado à temática junina. Ou até mais. Ao que parece, ultimamente o mês de junho não tem sido suficiente para tantos festejos e tem-se observado um movimento crescente de prolongamento da festa, chegando até a passar para os meses seguintes de julho e até agosto, popularmente conhecidas como festas “julinas” ou “agostinas”, tal é a aceitação por esse tipo de festejo que conquistou o público e faz parte da cultura popular.

O São João carrega em si um forte apelo popular e, quase sempre, a uma festividade de aspecto rural, certamente devido às suas origens e tradições arcaicas relacionadas ao mundo primitivo, do trabalhador do campo e efetivamente agrário. Nesses locais, sobretudo em tempos tão antigos quanto os da era pré-cristã, as populações viviam em localidades pequenas, onde se revelavam simplesmente como pequenas aldeias, vilas e povoados longínquos e distanciados dos centros urbanos.

Logo, as pessoas que habitavam nesses locais eram geralmente gente simples, de origem humilde, com poucos recursos, muitas vezes vivendo da agricultura e possuindo poucos vizinhos; uma espécie de aldeia familiar onde praticamente todos se conheciam e predominava o modelo de vida comunitário, tranquilo e sem grandes opções de divertimento; de modo que quando chegava a época de São João, sobravam motivos, para além de religiosos, para a organização de encontros e festejos coletivos, pois “as festas constituem espaço plural para a manifestação das mais distintas sociabilidades” (Barroso, 2019, p. 39), a ter lugar principalmente nas áreas públicas, como praças, igrejas e pátios dessas pequenas aldeias e/ou povoados para juntos rezar, socializar, comer e se divertir.

Esse certo ar de ruralidade faz parte da realidade junina tanto europeia quanto brasileira. Assim, a composição do São João assimila esse imaginário bucólico de suas origens que aos poucos foi se perdendo com advento das indústrias, das cidades, da vida urbana, das decadências do poder eclesiástico e por aí adiante. Inicialmente, os eventos aconteciam de forma espontânea nas localidades, somente entre a gente local, depois avançou e foi ganhando espaço dentro de cidades maiores, nos seus bairros, praças e atingiu até clubes fechados para festejar internamente entre quem possuía condições de acesso; característica essa que pressupõe exclusão, termo discutido por Woitowicz (2007):

o termo exclusão cultural remete não apenas às condições de acesso às informações e aos bens de consumo (materiais e simbólicos), mas também às possibilidades de produção da cultura. Assim, são justamente os grupos excluídos e marginalizados da sociedade que desenvolvem estratégias de resistência e luta em meio às tendências homogeneizantes e massificadoras da sociedade globalizada. (p. 150)

Segundo Castro (2012), compreendemos que, com o passar do tempo e o advento do processo de industrialização e urbanização, massas de gentes realizaram um fluxo coletivo e rumaram às capitais e/ou cidades maiores e mais desenvolvidas, ocasionando certo inchamento populacional nos centros urbanos. “Nesse contexto, progressivamente o espaço urbano foi se tornando não só a principal arena das principais atividades econômicas tradicionais, como também espaço de deflagração de eventos culturais diversos” (Castro, 2012, p. 19).

Segundo o autor, esse movimento é fenômeno mundial e que afetou mais tardiamente os países subdesenvolvidos como o Brasil. Essas pessoas levaram consigo seus costumes e tradições locais para as cidades de tal modo que as festas juninas sofreram processos dinâmicos de resignificação e adaptação a novos espaços e públicos, ambos de dimensões muito maiores tal como se vê atualmente.

Já que a cidade é o produto do crescimento e não da criação instantânea, deve-se esperar que as influências que ela exerce sobre os modos de vida não sejam capazes de eliminar completamente os modos de associação humana que predominavam anteriormente. Em maior ou menor escala, portanto, a nossa vida social tem a marca de uma sociedade anterior, de *folk*, possuindo os modos característicos da fazenda, da herdade e da vila. A influência histórica é reforçada pela circunstância da população da cidade em si ser recrutada, em larga escala, do campo, onde persiste um modo de vida remanescente dessa forma anterior de existência. Conseqüentemente não devemos esperar encontrar variação abrupta e descontínua entre tipos de personalidades urbana e rural. (Wirth, 1967, p. 90)

À medida que o tempo foi passando e os grupos humanos deixaram de viver em ambientes rústicos e passaram a habitar predominantemente o espaço urbano e a dominar os recursos tecnológicos à sua disposição, não param de inovar e avançar. Conseqüentemente, também as suas manifestações festivas se foram modificando e incorporando novos formatos e modelos comemorativos.

Nota-se essa alteração em manifestações diversas, como as carnavalescas, natalícias e também as juninas, pois “com o advento crescente e cada vez mais intenso do fenômeno da globalização, é inegável que há uma tendência de também se universalizar e uniformizar as culturas, instituindo padrões de práticas e consumo” (Carvalho, 2019, p. 62). Isso se deve certamente à própria pressão da atualidade, propagada por um mundo que agora se apresenta com traços extremamente globalizados, capitalistas, urbanizados, pós-modernos, midiáticos e tecnológicos. Sentem-se os efeitos de cada um desses aspectos nos modos de festejar das pessoas, em um cenário que já não é mais tão rural, nem tão intimamente ligado à natureza e tampouco profundamente religioso, como fora nos tempos de outrora.

Esses movimentos sinalizam que o ser humano é fruto de seu tempo e dos recursos que têm disponíveis. Por ora, na atual modernidade o que temos claro, relativamente às festas, é a existência de um corpo social misto, no sentido de que está movido pelo que Cabeza (2000) aponta como celebrações vazias de significados e ausente de produção de sentidos que despertem para a execução, ou pelo menos para a

projeção, de uma cultura rica de manifestações artísticas advindas de modo espontâneo ou não. Por outro lado, há também o *homo festivus*, reduzido ao mais simples sujeito *festivus festivus* de Philippe Muray (2005), dentro da sua insignificância comemorativa como algo mais mitologicamente ligado ao modelo de vida dionisíaco regado de prazeres rasos e fortuitos.

Essa crítica profunda e assustadora dos autores tem sua razão de ser quando passamos a refletir sobre a dimensão festiva espetacularizada que tomaram os mais diversos tipos de eventos na atualidade. O indivíduo citadino, os meios de comunicação, a vaidade ufanista, as facilidades de deslocamento e os recursos tecnológicos trouxeram a realização de um Natal abarrotado de luzes e lâmpadas de LED, uma Semana Santa teatralizada e um São João superdimensionado e espetacularizado. Tudo ao nível da concorrência entre cidades. As modernas redes digitais dão sinal e o comprovam.

Uma teoria do sociólogo britânico Mike Featherstone (1990/1995) tenta explicar como esse padrão festivo passa a se apresentar, segundo ele, de modo artificial. Nela, o autor entende as manifestações populares da cultura como “manifestação do pessimismo nostálgico”. Nestas produzem-se grandes eventos temáticos de épocas e momentos marcantes em outros períodos históricos e que são repaginados na atualidade como forma de reviver essas décadas passadas, tanto para as gerações que as experimentaram, como para que as gerações mais recentes possam conhecer, sentir e desfrutar de experiências que não foram, de fato, por elas praticadas. A reconfiguração das festas a partir da prevalência do uso de músicas, decoração, hábitos, ritos, passos de danças e trajes típicos de outros tempos são características que embalam a produção simulada e superficial das festividades nostálgicas que podem cativar audiência massiva.

O mesmo ocorre atualmente com as manifestações populares mais tradicionais do estado brasileiro, como as festas de carnaval e de São João, por exemplo. Geralmente, esses movimentos envolvem eventos de grande porte que fazem parte do calendário fixo dos estados, com grandes patrocinadores e são divulgados, transmitidos e espetacularizados pelos meios de comunicação midiáticos, conseguindo assim, atrair massas de foliões para consumir essa experiência festiva e vivenciar toda a sua artificialidade simulada (Featherstone, 1990/1995).

No caso das festas juninas, como sabemos, são de origem antiga e, no Brasil, remetem ao período colonial e possuem sentido celebrativo de caráter religioso. Elas predominavam, sobretudo, na região nordeste e eram de origem rural, ocorriam em pequenos lugarejos do interior, em pequenas aldeias, onde a vizinhança e os parentes comemoravam o dia dos três santos católicos populares (Santo Antônio, São João e São Pedro) em eventos íntimos e de forma rudimentar. Vimos, junto a Castro (2012), que com o passar dos anos, esta festa atingiu as metrópoles e se espalhou por diversas regiões do país e em vários pontos das cidades.

Atualmente a configuração junina é mais aperfeiçoada. Por vezes, montam-se palcos, estruturas e arenas racionalizadas para apresentação de shows com bandas e grandes atrações musicais de nível nacional, barracas de comidas típicas, apresentação de grupos de quadrilhas juninas estilizadas, o público veste roupas xadrez, com

retalhos ou estampadas para obter uma ideia de como aconteciam no passado as festas originais nos ambientes rurais de pequenas cidades do interior. É uma forma de experienciar um simulacro irreal do ambiente festivo. Também existem os eventos juninos realizados em espaços fechados de acesso restrito (clubes, empresas, hotéis, escolas, etc.), onde mais uma vez acontecem as artificialidades celebrativas nostálgicas. Esses espaços artificiais são recriados e, com a ajuda dos diversos meios de comunicação, injetam certo ar de espetacularidade sobre os eventos.

Assim, encerramos a discussão dando a notar que esse fenômeno vem dominando as festividades modernas de São João, principalmente em grandes municípios, que se apresentam dentro do perímetro das disputas urbanas nacionais como sendo “detentoras” da maior manifestação cultural e imaterial das suas respectivas regiões e, conscientemente ou não, passam a participar da formação de um processo voltado para um “mercado mundial de cidades” (Sanchez, 2001). Tal atitude soa a reprodução ressignificada dos elementos autênticos de suas raízes festivas e expõe a tentativa de recriar o espaço festivo de modo superficial, tentando impor certa legitimidade ao ato de festejar.

Agradecimentos

Este trabalho teve apoio e financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE).

Referências

- Amaral, R. (1998). *Festa à brasileira - Significados do festejar no país que “não é sério”* [Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/pt-br.php>
- Barroso, H. (2019). *Dança Joaquim com Zabé, Luiz com laiá, dança Janjão com Raqué e eu com Sinhá: A espetacularização da festa e o caráter performativo do gênero nos festejos* [Tese de doutoramento, Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional UFC. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/42336>
- Cabeza, M. C. (2000). *Ocio humanista: Dimensiones y manifestaciones actuales del ocio*. Editora Universidad de Deusto.
- Carvalho, B. (2019). *O regionalismo nordestino em pauta na TV Diário: A folkcomunicação no contexto da televisão local* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional UFC. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/40856>
- Castro, J. (2012). *Da casa à praça pública: A espetacularização das festas juninas no espaço urbano*. EDUFBA.
- Featherstone, M. (1995). *Cultura de consumo e pós-modernismo* (J. A. Simões, Trad.). Studio Nobel. (Trabalho original publicado em 1990)
- Jiaqi, L. (2021). *Festas tradicionais de Portugal e da China* [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho]. RepositóriUM. <http://hdl.handle.net/1822/71313>
- Lucena Filho, S. A. (2012). *Festa junina em Portugal: Marcas culturais no contexto do folkmarketing*. Editora UFPB.
- Muray, P. (2005). *Festivus Festivus: Conversations avec Élisabeth Lévy*. Librairie Arthème Fayard.

Priore, M. D. (1994). *Festas e utopias no Brasil colonial*. Editora Brasiliense.

Rangel, L. (2008). *Festas juninas, festas de São João: Origens, tradições e história*. Publishing Solutions.

Ribeiro, R., Pinto, M., & Lima, M. (2019). Nota introdutória: Resignificações da festa e identidades comunitárias. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 6(2), 7-14. <https://doi.org/10.21814/rlec.2365>

Sanchez, F. (2001). A reinvenção das cidades na virada de século: Agentes, estratégias e escalas de ação política. *Revista de Sociologia Política*, (16), 31-49. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782001000100004>

Silva, J. H. (2017). *Quadrilha Junina Babaçu: Processos folkcomunicacionais, identidade e representações culturais* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Repositório Institucional UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/22632>

Viscaya, R. B., & Vidal, F. A. (2009). *Dos fastos ós festexos - Dos antigos mitos á religiosidade galega*. Editorial Toxosoutos.

Wirth, L. (1967). O urbanismo como modo de vida. In O. Velho (Ed.), *O fenômeno urbano* (pp. 89-112). Zahar Editores.

Woitowicz, K. J. (2007). Exclusão e resistência cultural. In S. Gadini & K. Woitowicz (Eds.), *Noções básicas de folkcomunicação: Uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões* (pp. 150-153). Editora UEPG.